
ASSÉDIO E ABUSO NO ENSINO SUPERIOR: SINTOMATOLOGIA E EFEITO COGNITIVO NAS VÍTIMAS APÓS AGRESSÃO

HARASSMENT AND ABUSE IN HIGHER EDUCATION: SYMPTOMATOLOGY AND COGNITIVE EFFECT IN VICTIMS AFTER AGGRESSION

Vanessa de Oliveira Haile

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, Brasil
vanessahaile10@gmail.com

Adelaine Ellis Carbonar dos Santos

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG, Brasil
addiecarbonar@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir os efeitos cognitivos e sintomas (físicos e emocionais) apresentados por vítimas de assédio e abuso dentro de Instituições de Ensino Superior (IES). Para tanto, analisamos como se evidenciam e se originam esses casos dentro das IES da cidade de Ponta Grossa, Paraná. Foram recolhidos depoimentos de acadêmicos de ambos os gêneros. Os dados foram coletados por meio de questionário on-line composto por questões descritivas e objetivas, que foram investigadas através de análise de conteúdo. Evidenciamos que os casos de assédio e abuso impactam diretamente a vivência acadêmica das vítimas, resultando em diversos sintomas relacionados entre si, sendo os mais comuns insegurança e ansiedade. Tais sintomas são refletidos também em dores físicas podendo levar até mesmo em casos de ideações suicidas. Neste sentido, afirmamos a necessidade da promoção de discussões sobre o tema, bem como a elaboração de políticas públicas voltada à saúde mental dos discentes.

Palavras-chave: Ensino. Sexualidades. Gênero. Assédio. Aprendizagem.

ABSTRACT

This article aims to discuss the cognitive effects and symptoms (physical and emotional) presented by victims of harassment and abuse within Higher Education Institutions (HEIs). In order to do so, we analyze how these cases are evidenced and originated within the HEIs in the city of Ponta Grossa, Paraná. Testimonies from academics of both genders were collected. Data were collected through an online questionnaire composed of descriptive and objective questions, which were investigated through content analysis. We evidenced that cases of harassment and abuse directly impact the academic experience of victims, resulting in several symptoms related to each other, the most common being insecurity and anxiety. Such symptoms are also reflected in physical pain and can even lead to suicidal ideation. In this sense, we affirm the need to promote discussions on the subject, as well as the elaboration of public policies aimed at the mental health of students.

Keywords: Teaching. Sexualities. Gender. Harassment. Learning.

INTRODUÇÃO

O presente texto é fruto da análise do banco de dados previamente agrupados na pesquisa intitulada “Possíveis impactos do assédio e do abuso na aprendizagem dentro de instituições de ensino superior”, realizada em 2018. Tais informações não puderam ser contempladas no artigo publicado anteriormente (<https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1083>). Portanto, neste texto, trouxemos a investigação dos sintomas apresentados pelos participantes após agressão (ou agressões), bem como os impactos que este ato causou na aprendizagem das vítimas.

O assédio e o abuso não são temas frequentemente relacionados à educação, mas são formas de

Recebido em: 10/07/2023

Aceito para publicação em: 07/03/2024.

violência que, devido aos traumas, podem causar transtornos e afetar a aprendizagem, como visto em Haile e Santos, 2021. Sendo assim, os docentes possuem um papel importante para a desconstrução do determinismo biológico, o qual regula as práticas sociais, naturaliza a hierarquia de gênero e sustenta os requisitos para que o assédio e o abuso ganhem espaço. Desta forma, se faz necessário um estudo para a compreensão da influência que o assédio e o abuso causam na aprendizagem de discentes do Ensino Superior.

Catherine Mackinnon, em 1979, foi a primeira pessoa a falar de assédio sexual num contexto jurídico, referindo-se ainda à discriminação sexual (Projeto UMAR, disponível em: www.umarfeminismos.org). Na pesquisa de Garcia e Silva Jr. (2016), evidencia-se que as questões de gênero estão intimamente ligadas aos casos de assédio, o que não quer dizer que homens também não sofram por tais crimes. Segundo Santos, 2015:

[...] ao afirmar que gênero e casos de assédio estão intimamente relacionados, é propor que existe uma hierarquia entre gêneros, uma construção de uma dominação masculina ao longo da história. Sendo assim, torna-se imprescindível as discussões da temática de gênero e sexualidade em ambientes educacionais, durante a formação inicial de profissionais licenciados (as) que irão atuar na escola, possibilitando a prevenção e o combate contra tais crimes.

Conforme Kneller (1980), a ciência influencia e sofre influência da sociedade pelos âmbitos culturais, tecnológicos, políticos e étnicos; portanto, ela é um resultado da atividade humana, construída coletivamente, sendo percebida ao longo da história.

Para ampliar as discussões em torno do gênero e da sexualidade no espaço escolar, é fundamental observar de que forma, na nossa cultura e em outras também, os vários grupos sociais elaboram minuciosas estratégias de controle sobre os corpos masculinos e femininos, criando expectativas em torno deles, estabelecendo padrões de comportamento aceitáveis ou inaceitáveis, categorizando-os como normais ou anormais, imputando-lhes tratamentos, terapias, vigilâncias, castigos, torturas ou mesmo a morte. (FELIPE, 2007, p.4).

Woodward (2000) evidencia que a naturalização das identidades (masculinas e femininas) podem ser fundamentadas em “verdades” biológicas e históricas, mostrando as desigualdades fixas e imutáveis. Desta forma, como afirma Louro (2011, p. 3), “os significados atribuídos aos gêneros e às sexualidades são atravessados ou marcados por relações de poder e usualmente implicam em hierarquias, subordinações, distinções”. Essas relações de poder contradizem o Artigo 1.º da Declaração dos Direitos Humanos que evidencia que 'todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos' (https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf).

Não há dúvidas de que as mulheres são as mais afetadas pelo assédio, o abuso e pela violência que, de acordo com Vargas (2012), é o que promoveu ao longo do tempo, uma sociedade desigual, baseada em relações de dominação e subordinação.

A divisão entre “dominante” e “subordinado” acontece devido ao patriarcado², como exposto por Nascimento (2016), por meio do qual as habilidades, competências e aptidões são justificados devido aos determinantes biológicos, impondo um lugar de gênero dentro da sociedade.

Claramente, a violência é ainda a prerrogativa do jovem do sexo masculino, especialmente quando confrontado com as contradições e os paradoxos do desejo contrariado e da ausência de poder social e pessoal. Indo mais fundo dentro da oficina histórica e cultural da masculinidade, um jovem pode sempre recuperar a última ferramenta da auto assertividade masculina: o poder através da violência. (HATTY, 2000, p. 6).

A própria violência, segundo Chesnais (1981), é que se apresenta como um fenômeno pulverizado, atingindo na vítima a vida privada e a vida pública em todos os seus aspectos, os mais visíveis e os mais secretos. Para compreender o impacto da violência sobre a saúde, devemos localizar a sua discussão no conjunto dos problemas que relacionam saúde, condições, situações e estilo de vida (MINAYO, 2006).

Para Einarsen et al. (2005), o assédio moral se caracteriza por condutas hostis, consciente ou inconsciente, tais ações podem prejudicar o indivíduo de forma física ou psíquica. Freitas (2001a)

² O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. (MILLET, 1970).

argumenta que dentro das organizações o assédio costuma aparecer de maneira mínima e se propaga quando as vítimas não formalizam as denúncias, por acharem algo superficial ou sem importância. Após isso, os ataques podem aumentar, deixando a vítima com medo e sentimentos de inferioridade por um período longo, onde frequentemente é submetida diversas agressões, que com o tempo provocam uma queda da autoestima, fazendo com que se sinta humilhada e oprimida.

No que se refere ao ensino, não há muito que mencionar dos métodos psicopedagógicos como algo que realmente ocorra nas escolas ou no ensino superior — para prevenir ou tratar casos em alusão com o tema —, porém, Hirigoyen (2006), identificou que o setor do ensino é mais propenso à ocorrência de violências pelas especificidades das próprias organizações educacionais. Como argumentado por Sposito (2001) e Oliveira (2008), a violência física tem um impacto visível, mas é necessário ficar atento a dimensão moral das agressões, pois elas ocorrem no ambiente de ensino, em regiões precárias e áreas privilegiadas; atingindo tanto o âmbito público, quanto o privado.

Atualmente tanto a mídia quanto pesquisas acadêmicas têm abordado a assunto com mais frequência, divulgando casos reais e informando a sociedade³. Porém, de acordo com Nunes e Tolfo (2012), a população ainda não reconhece a definição e/ou não distingue as características do assédio e abuso. Os autores ainda complementam que independentemente do nível hierárquico que se dá a origem da violência, causará danos a vítima. Ela pode começar de maneira leve e não tão perceptiva, mas proporciona efeitos graves.

METODOLOGIA

Utilizamos a abordagem quali-quantitativa, analisando os dados estatísticos retirados das respostas dos questionários demonstrando os possíveis impactos na aprendizagem.

O grupo de estudo da pesquisa foi considerado a partir do objetivo geral, sendo assim, todas as respostas ao questionário partiram de graduandos (as) ou graduados (as) de instituições de ensino superior, públicas e privadas, mas apenas foram analisadas as respostas pertencentes às instituições da cidade de Ponta Grossa, Paraná.

O questionário foi adaptado da pesquisa de Constantino (2012). A análise dos dados se deu mediante as respostas de três perguntas abertas do questionário aplicado, bem como uma questão objetiva sobre a sintomatologia das vítimas, visando compreender a situação e explorar como elas estão tratando os assuntos referentes ao tema, bem como identificar os tipos de sofrimentos psíquicos e físicos causados pelo assédio e abuso; e as consequências para a aprendizagem e o desenvolvimento profissional, social e cultural.

Mantivemos aqui a maior parte da lista de sintomatologia proposta no questionário, adaptando algumas palavras para facilitar a compreensão e acrescentando alguns sintomas conforme respostas dos participantes da pesquisa.

Todos os informações descritas neste artigo foram manejados e analisados de forma anônima, sem identificação nominal dos participantes da pesquisa, instituições de ensino ou cursos de graduação ou pós-graduação; os resultados decorrentes do estudo estão apresentados de forma agregada, não permitindo a identificação individual dos participantes, instituições de ensino e cursos de graduação ou pós-graduação.

Além dos motivos já citados, a dispensa do comitê de ética foi respaldada, pois se trata de um estudo não intervencionista (sem intervenções clínicas) e sem alterações/influências na rotina/tratamento do participante de pesquisa, e conseqüentemente sem adição de riscos ou prejuízos ao bem-estar dos mesmos.⁴

³ Trabalhar sobre pressão de ser demitido a qualquer momento é assédio moral? (16 ago 2018). Disponível em: <https://exame.abril.com.br/carreira/trabalhar-sob-pressao-de-ser-demitido-a-qualquer-momento-e-assedio-moral>.

Paraná tem mais de 500 casos de abuso sexual e aliciamento de crianças pela internet sob investigação, diz polícia (21 fev 2018). Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/parana-tem-mais-de-500-casos-de-abuso-sexual-e-aliamento-de-criancas-pela-internet-sob-investigacao-diz-policia.ghtml>.

Um em cada cinco brasileiros já sofreu assédio sexual (09 fev 2018). Disponível em: <https://noticias.r7.com/prisma/coluna-do-fragas/um-em-cada-cinco-brasileiros-ja-sofreu-assedio-sexual-09022018>.

⁴ “Pesquisas que não necessitam de registro no sistema CEP/CONEP - Resolução nº 510/2016 – CNS [...] V: pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual”.

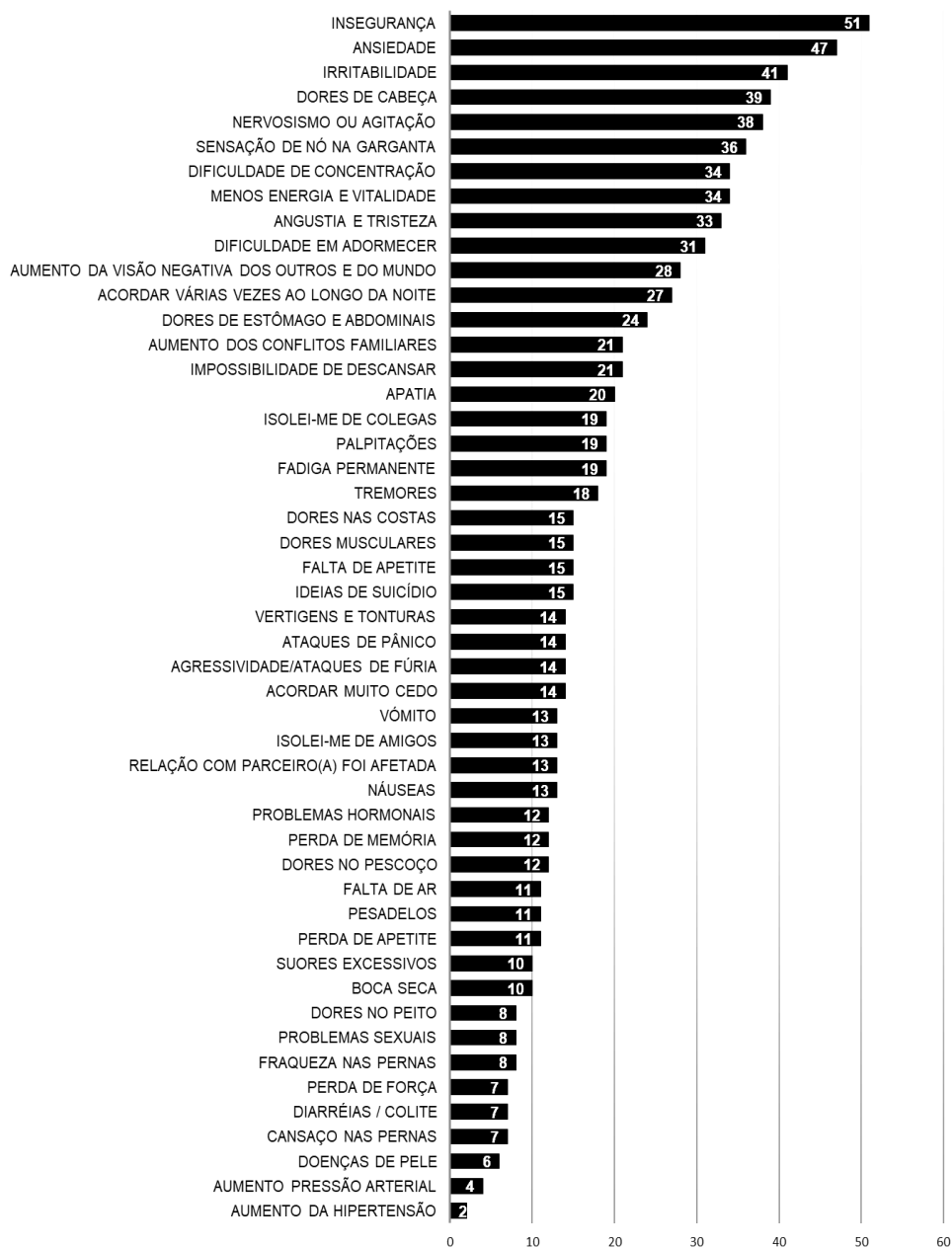
Os pesquisadores envolvidos comprometeram-se individual e coletivamente, a utilizar os dados provenientes deste, apenas para os fins descritos, bem como manter o respeito ao sigilo e confidencialidade.

A aplicação foi via formulário Google docs, sendo divulgado através da internet, por mídias sociais, disponibilizado pelo período de três semanas (27 de junho de 2018 a 18 de julho de 2018). As respostas foram exploradas através da análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (1977). Visando preservar a identidade, deixamos no anonimato as instituições, assim como os participantes da pesquisa.

RESULTADOS

Em três semanas foram coletadas um total de 92 respostas, sendo 76 (82.61%) destas, originadas de acadêmicos pertencentes a IES da cidade de Ponta Grossa, Paraná. Dos questionários analisados, cerca de 69.74% das vítimas afirmam que a situação de assédio perturbou o curso, o estágio e/ou pesquisa em relação a sua qualidade.

Figura 1 – Sintomas apresentados pelas vítimas após a agressão



Fonte: Questionários aplicados com graduandos/graduados das IES do município Ponta Grossa, Paraná, via Google docs, durante o período de 27 de junho a 18 de julho de 2018.

Organização: Haile, 2018.

Para Luna (2003), é indiscutível que as vítimas de assédio projetam negativamente a situação sobre sua atividade — seja na pesquisa, curso ou projeto — pois umas das consequências é o abalo nas relações sociais e das comunicações que os trabalhadores têm de manter para realizar adequadamente seu trabalho; dessa maneira a qualidade das atividades apresentada pela vítima podem ter uma redução, assim como a quantidade.

As vítimas de assédio moral e sexual e abuso, podem ou não apresentar consequências; mas a grande maioria dos casos apresenta danos à saúde mental ou física, além da possibilidade de prejudicar a formação e futuro profissional das vítimas (BOSCO, 2001; BJORKLUND, 2004). Abandonar o curso ou a disciplina pela dificuldade de interagir com o(s) agressor(es) ou com o grupo de convivência ao qual ele pertence — afinal eles costumam fazer parte do cotidiano da vítima —, passar por casos extremos de nervosismo, chegar à depressão, utilizar álcool e outras drogas para ter a sensação de “redução” dos danos; são apenas alguns dos problemas que isso pode gerar (BRADASCHIA, 2007).

Piñuel y Zabala (2002), classificou os sintomas dos efeitos do assédio em seis tipos, sendo eles: (1) efeitos cognitivos e hiper-reação psíquica, (2) sintomas psicossomáticos de estresse, (3) sintomas de desajustes do sistema nervoso autônomo, (4) sintomas de desgaste físicos resultantes de estresse prolongado, (5) transtornos do sono, (6) cansaço e debilidade. Todos os sintomas do gráfico a seguir (Figura 1), podem ser classificados dentre esses seis tipos citados anteriormente.

Nessa questão, os acadêmicos podiam assinalar múltiplas respostas, sendo assim, a porcentagem de cada sintoma é feita a partir do número total de acadêmicos participantes. Os sintomas mais presentes são insegurança (67.11%) e ansiedade (61.84%), podendo estar relacionados entre si. Como afirma Loos (2004), a ansiedade reflete sentimentos de impotência e frustração, pois as vítimas não conseguiram controlar uma situação que era importante, trazendo assim uma sensação de insegurança em relação às suas capacidades. Essa mesma autora ainda complementa que a ansiedade:

[...] é um aspecto afetivo-emocional que tem sido particularmente estudado em sua relação com a cognição. Pesquisas têm demonstrado que altos níveis de ansiedade influenciam negativamente a performance dos alunos, em diversos tipos de tarefas, atuando de maneira nefasta, particularmente, sobre a percepção e a memória, bem como aumentando as reações de auto-depreciação. (LOOS, 2004, p. 3).

Outros dados também se destacaram, sendo eles irritabilidade (53.95%), dores de cabeça (51.32%), nervosismo e/ou agitação (50.00%), sensação de nó na garganta (47.37%), dificuldade de concentração e menos energia e vitalidade foram marcadas por 44.74% das pessoas participantes.

É válido destacar os efeitos psicossomáticos⁵ — dores de estômago e abdominais; pesadelos; náuseas; falta de apetite; sensação de nó na garganta; etc.— pois, “o corpo acusa a agressão antes do cérebro, que se nega a ver o que não consegue compreender” (HIRIGOYEN, 2001, p. 143). A autora cita vários transtornos em relação a problemas digestivos, endócrinos, hipertensão, além de que as crises psicossomáticas pioram o trauma emocional. Percebemos isso, no que se refere a situação atual da vítima, no caso nº 8, onde a acadêmica expressou que após a agressão: *“A saúde mental não existe mais, estou tomando antidepressivos há anos, e engordei 30 quilos, inclusive desenvolvendo diabetes”* (Caso nº 08, 04/07/2018).

Sobre o sistema cognitivo, Bjorklund (2004), também apontou que uma das consequências do assédio podem ser disfunções na cognição e no mecanismo de memória. Ele estipulou que as vítimas apresentaram um tempo de reação de quase 50% maior que as pessoas que não são vítimas; além disso, acabam por cometer 72% mais erros, atrapalhando o desenvolvimento profissional, da pesquisa e/ou da empresa. A partir disso, podemos evidenciar o impacto de tal violência, não só na vida pessoal, mas também na função cognitiva, consequentemente, na aprendizagem.

Em uma entrevista à CNN em 2021⁶, a pesquisadora Thurston afirma que é “quase como se seu corpo tivesse uma memória que pode não se manifestar totalmente por meio de sintomas psicológicos”, assim, a violência sexual pode vir a deixar “pegadas do trauma em nossos cérebros e em nossos corpos”. Esta afirmação está baseada em uma pesquisa utilizando imagens cerebrais, onde descobriram que

⁵ “Desordens emocionais ou psiquiátricas que afetam também o funcionamento dos órgãos do corpo” (28 mai 2019). Disponível em: <https://abre.bio/hospitalsantamonica>. Acesso em: 16 set 2022.

⁶ “Mulheres que sofrem abuso sexual têm mais risco de danos cerebrais, diz estudo”. Disponível em: <https://abre.bio/cnnbrasil-mulheres-que-sofrem-abuso-sexual-tem-mais-risco-de-danos-cerebrais>. Acesso em: 16 set 2022.

mulheres com histórico de violência sexual têm maior hiperintensidade da substância branca no cérebro, o que é um indicador de doença de pequenos vasos que tem sido associada a derrame, demência, declínio cognitivo e mortalidade (THURSTON, 2021, s./p.).

Segundo a psicóloga Mery Pureza Candido de Oliveira (2018, s./p.)⁷, referindo-se ao assédio sexual, existem “cheiros, cenas e momentos que ficam gravados na memória do abusado de forma distorcida”; é possível que no cotidiano uma dessas coisas relembre o abuso sexual, e isso faz “a amígdala cerebral trabalhar além do normal, comprometendo a capacidade de cognição”.

Estas afirmações podem estar diretamente relacionadas ao transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Para Fiszman (2007, s./p.), o TEPT

[...] tem como característica central a reação ao evento traumático por meio de sintomas de três dimensões psicopatológicas: intrusão de recordações do evento traumático (reviviscências), evitação de estímulos a ele associados e presença persistente de sintomas de hiperestimulação autonômica. (FISZMAN, 2007, s./p.).

Esse diagnóstico é relevante uma vez que contribuem para o desenvolvimento de pesquisas sobre crises não-epilépticas psicogênicas (CNEP - em inglês, *psycogenic nonepileptic seizures* [PNES])^{8,9} relacionadas a transtorno de estresse pós-traumático e casos de violência sexual¹⁰. De acordo com Marina Baitello, sintomas de uma CNEP podem incluir movimentos musculares incontroláveis, tremores, perda de consciência, queda e olhar fixo.

As PNESs se assemelham às convulsões diagnosticadas em 20 a 30% dos pacientes encaminhados para centros epiléticos para tratamento de epilepsia incontrolável. Aproximadamente três quartos dos pacientes são mulheres, sendo que muitos desses indivíduos sofrem do transtorno do estresse pós-traumático (TEPT), incluindo abuso físico ou sexual (DWORETZKY e LEE, 2016, s./p.).

Fiszman (2007) conclui na revisão que os pacientes diagnosticados com CNEP apresentaram taxas elevadas de traumas, abuso (sexual e/ou físico) e TEPT do que os grupos de controle dos pacientes com diagnóstico de epilepsia. Em 2021, os pesquisadores do *Vanderbilt University Medical Center* (VUMC) caracterizaram algumas comorbidades relacionadas a convulsões funcionais⁹, como: TEPT, ansiedade, depressão, doença cerebrovascular — incluindo acidente vascular cerebral — e isquemia cerebral transitória. Ainda:

[...] foi encontrada uma associação entre convulsões funcionais e o conhecido fator de risco trauma por agressão sexual [...], e o trauma por agressão sexual foi descoberto por mediar quase um quarto da associação entre sexo feminino e crises funcionais no VUMC-EHR¹¹.

Em uma pesquisa realizada por Teicher, procuraram observar o efeito que a violência física e sexual poderia causar sobre o sistema límbico, foram comparados dois grupos de adolescentes e crianças – 15 voluntários saudáveis e 15 pacientes psiquiátricos, com histórico confirmado de abuso físico ou sexual.

Medidas de coerência mostraram que os córtex esquerdos dos jovens do grupo controle eram mais desenvolvidos que os direitos. Já os pacientes que haviam sofrido maus-tratos possuíam o córtex direito claramente mais desenvolvido, embora todos fossem destros e, portanto, tinham o córtex esquerdo dominante. A hipótese resultante foi a de que as crianças maltratadas teriam armazenado suas memórias perturbadoras no hemisfério direito e a ativação de tais memórias poderia ativá-lo preferencialmente (TEICHER, 2002 apud ROMARO; CAPITÃO, 2007 p. 143).

Segundo os sintomas emocionais, cognitivos e psicossomáticos, Diniz (2019, p. 10) cita consequências relacionadas ao assédio, como: "depressão, crises compulsivas de choro, perda de memória,

⁷ Assédio sexual: pesquisa identifica danos psicológico mais comuns em meninos (08 out 2010). Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2010/10/assedio-sexual-pesquisa-identifica-danos-psicologico-mais-comuns-em-meninos-3068083.html>. Acesso em: 08 out 2018.

⁸ Também conhecida como “convulsões funcionais”. “São ataques súbitos ou espasmos que se parecem com crises epilépticas, mas não têm os padrões elétricos cerebrais da epilepsia”

⁹ Disponível em: <https://abre.bio/news.med.br-medical-journal> (27 jan 2021). Acesso em: 16 set 2022.

¹⁰ Goleva, S. B., Lake, A. M., Tortenson, E.S., Haas, K.F., Davis, L. K. Epidemiology of Functional Seizures Among Adults Treated at a University Hospital. **Jama Network Open**. 2020.

¹¹ EHR - Sigla em inglês para Electronic Health Record, que pode ser entendido como Registro Eletrônico de Saúde. Disponível em: <https://institutosimutec.com.br/blog/p/ehr-e-emr-entenda-a-diferenca-entre-esses-sistemas-medicos>. Acesso em: 16 set 2022.

irritabilidade, tendência ao isolamento, perda de confiança e autoestima, náuseas, insônia, apneia, crise do pânico, podendo culminar, inclusive no suicídio".

O tópico "ideias de suicídio" não está em destaque em relação a quantidade de vezes em que foi marcado, porém, ainda representam 19.74% (15 pessoas) que afirmaram ter essa ideação. De acordo com Soares e Oliveira (2012, p. 4), os ideais de suicídios estão relacionados ao "desespero, à raiva e à impulsividade" geradas pelo assédio, sendo que o período de duração da agressão influencia diretamente na aparição do sintoma. Uma possível ideia de suicídio, ou ao menos um desejo de morte, influenciada pelas ocorrências de assédio moral frequentes, pode ser percebida no caso nº 16:

Fiquei muito doente, caí de cama, fui inúmeras vezes ao hospital. Perdi o gosto pela vida. Para mim nada mais importa, a vida não tem sentido senão sofrer até morreremos. E eu espero que o fim esteja próximo para mim. (Caso nº 16, 07/07/2018).

Desta forma, podemos evidenciar que variados sintomas persistem nas vítimas, sendo não somente sintomas isolados, mas que se apresentam em conjunto, dificultando muitas vezes no processo de aprendizagem durante sua formação inicial (mas não somente nela) e de interação social, levando muitas vezes em ideação suicida.

A última parte do questionário, era composta por três questões abertas, para que pudessemos compreender melhor as ocorrências pelas quais os(as) acadêmicos(as) passam (passaram). Por se tratar de uma questão ampla, houveram interpretações diferentes pelos participantes, mas foi possível aproveitar a maioria das respostas recebidas; o que não pode ser devidamente analisado foi acrescentado a uma última categoria, conforme consta abaixo.

A pergunta nº 1 se referia diretamente ao relato da situação, visando compreender a experiência da vítima. De acordo com a descrição da situação, as respostas foram divididas em dez categorias: a) Assédio moral; b) Assédio moral e difamação; c) Assédio moral seguido de privação de atividades; d) Assédio moral seguido de cobrança excessiva; e) Cobrança excessiva; f) Assédio moral e sexual; g) Assédio sexual; h) Assédio sexual seguido de cobrança excessiva; i) assédio sexual com perseguição e manipulação psicológica; j) Sem resposta ou resposta que não condiz com a pergunta.

Perseguição de professores de forma a destruir o ânimo da 'concorrência' no mercado de trabalho. Oferecendo aula fraca, cobrança incoerente de dados em apresentações e correções, criando agendas sobrecarregadas de entregas e de assessorias, sempre de forma negativa. (Caso nº 48, 10/07/2018).

Era um professor do curso que assediava as meninas da turma (as que ele achava bonitas) e algumas ele humilhava. Alguns olhares, alguns elogios, algumas ele humilhava e depois agradava. Muitas como eu acabaram trancando ou desistindo do curso pra esperar ele se aposentar ou sair das aulas do nosso curso pelo ao menos. (Caso nº 30, 09/07/2018).

[...] Estava passando por um período muito difícil com familiares e de maneira geral com assuntos pessoais. Meu orientador de IC na época que era também coordenador do curso percebeu e se aproveitou da situação para me assediar ao ponto de eu me sentir envolvida por ele. [...] Após alguns meses de excessivos elogios às minhas qualidades profissionais e pessoais me vi afetivamente envolvida, mesmo sabendo que ele já havia assediado ex-alunas. [...] A princípio não tive apoio nenhum até entrar numa crise depressiva muito grave. Foi quando minha família me levou ao psiquiatra e iniciei tratamento com medicamentos. Era época da minha formatura e o agressor insistia em estar em contato comigo. Meus pais chegaram a ameaçá-lo para que parasse. Foram os piores dias da minha vida. Hoje tenho problemas de transtorno de ansiedade e 16 anos depois ainda tenho traumas tanto no lado pessoal quanto no profissional a serem superados. É assustador o quanto este episódio também impactou minha autoconfiança profissional. Ainda bem que tive acesso a tratamentos, mas desenvolvi vários problemas de saúde em virtude disso. Soube anos depois que situações similares ao que aconteceram comigo se repetiram com outras alunas. Até mesmo com desfechos piores. [...]. (Caso nº 18, 07/07/2018).

Podemos evidenciar nesta primeira questão aberta que dentre as dez categorias, as categorias relacionadas ao assédio moral e sexual se repetem. Evidenciamos com as respostas que estes casos de assédios não são casos isolados, mas corriqueiros, sendo que situações semelhantes ocorreram com outras pessoas pelo mesmo agressor. Outro ponto importante é que os casos de assédios aqui relatados não somente influenciam na aprendizagem das vítimas durante a graduação, mas também são estendidos para a vida profissional, produzindo traumas e insegurança no que compete a autoconfiança profissional. Ou seja, estas agressões ficam marcadas por muito tempo, impactando

negativamente as dimensões: pessoal, educacional e profissional das vítimas.

A questão nº 2 questionava sobre a origem dos problemas ocorridos e a que causas as vítimas atribuíam ao ocorrido. As respostas foram divididas em onze categorias: a) Impunidade e/ou falta de atitude das IES; b) Preconceito e ideologias; c) Superioridade e falta de ética; d) Machismo;

e) Falta de empatia e respeito; f) Diferença social e/ou intolerância; g) Diversidade de opiniões; h) Falta de informação e estrutura; i) A vítima se culpa e não apresenta nenhuma justificativa; j) A vítima culpa o agressor e não apresenta nenhuma justificativa; k) Sem resposta ou resposta que não condiz com a pergunta.

Manutenção de relações de poder. Insegurança e falta de planejamento. Inexistência de uma diretriz, clara e objetiva. Individualismo. Corporativismo. (Caso nº 15, 07/07/2018).

Machismo, apenas por eu ser mulher, se achou no direito de tentar algum tipo de relação, mesmo eu jamais dando abertura para esse tipo de situação. (Caso nº 05, 28/06/2018).

No meu ponto de vista a origem destes problemas é a naturalização destas práticas em nossa sociedade, tais situações que não são discutidas e sim postas como única forma de ser e acontecer. (Caso nº 50, 10/07/2018).

Como já afirmado anteriormente por Garcia e Silva Jr. (2016), os casos de assédio estão diretamente relacionados com as questões de gênero, os agressores frequentemente apareceram condicionados a impor a “concepção do masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto é um valor de longa duração” (MINAYO, 2005). Assim, mais uma vez evidenciamos a necessidade de fomentar discussões acerca das temáticas de gênero e sexualidades em âmbitos educacionais. Nota-se, a partir das respostas, que o machismo é naturalizado nas IES, reproduzindo-se a partir de práticas e discursos que reiteram as relações de poder existentes.

A questão nº 3 se refere ao estado atual de saúde e laboral. Para melhor análise, as respostas foram divididas em sete categorias: a) Consideram estar bem; b) Se recuperando com auxílio especializado ou de amigos; c) Apresentam dificuldades profissionais; d) Saúde mental prejudicada; e) Saúde mental e física prejudicadas; f) Desistiu da disciplina, pesquisa ou do curso; g) Não especificaram.

Faz uma semana que apresentei o TCC, confesso que foi um alívio, chorei a semana inteira. Hoje acredito que estou melhor consigo lidar melhor com a situação, pois meu antigo orientador e sua mulher que também é professora na instituição não estão mais olhando na minha cara. Me sinto culpada por ter permitido uma situação dessas comigo, mas hoje consigo ver melhor as coisas, consigo analisar a situação, sei que na instituição superior há uma luta constante de egos, e que o aluno só é um instrumento para ajudar a inflá-los. (Caso nº 60, 10/07/2018).

Dificuldade em relacionamentos por medo de que aconteça novamente, tenho crises de pânico constantemente... lapsos de memória do acontecimento, dificuldade de aceitação do ocorrido, sentimento de culpa mesmo sabendo que não tive nenhuma!!!![...]. (Caso nº 25, 07/07/2018).

Tentando sobreviver. Desisti da disciplina e estou tentando não ficar retida, já que o acontecido me fez desanimar muito do ensino superior. (Caso nº 03, 28/06/2018).

Evidenciamos nesta última questão que estes assédios (morais e sexuais) e o abuso deixam marcas nas vítimas (marcas estas psicológicas e quiçá corporais). A primeira resposta desta questão afirma que atualmente a referida vítima consegue realizar uma análise a partir das relações de ego e poder presentes nas IES. Esta é uma problematização pertinente, embora não podendo ser colocada enquanto justificativa para tais agressões.

O ambiente universitário, que deveria ser apenas de interação e educação, também é espaço de medo para a mulher. Locais e acessos mal iluminados, falta de segurança, exposição a comportamentos machistas e violência de gênero são fatores determinantes para essa situação. A violência pode vir de criminosos externos, mas não só deles. Colegas e professores, parceiros do cotidiano, podem ser protagonistas de violências que vão da desqualificação intelectual ao estupro. Essa percepção, muitas vezes, já gera a intimidação. (INSTITUTO AVON/DATA POPULAR, 2015, p.03).

A segunda resposta afirma possuir ainda um sentimento de culpa diante do ocorrido, mesmo tendo

consciência da sua posição de vítima. Visto que, segundo Sesso (2005), o assédio é algo sutil, a vítima é envolvida dentro da situação de modo a ser conduzida a acreditar que merece e é culpada por tais agressões. Esta culpa gera uma não aceitação do ocorrido, o qual corrobora com a dificuldade de estabelecer novos vínculos e relacionamentos, a partir do medo; pois os ataques constantes vão deteriorando sua confiança pessoal e profissional.

Bradaschia (2007) realizou um levantamento bibliográfico sobre assédio moral. Em sua análise, ela relatou que, de acordo com Hirigoyen (2001), o agressor isola a pessoa para que ela não possa queixar-se ou buscar consolo e apoio entre os colegas. Porém, segundo Brodsky (1976), para que o assédio ocorra e continue é necessário existir uma cultura que permita e incentive tal atitude, pois, de acordo com uma pesquisa realizada por Baron (apud BARON e NEUMAN, 1998), o medo do agressor à retaliação reduz a possibilidade de o fato ocorrer. Mas infelizmente, algumas vítimas da pesquisa de Einarsen (1999), apontam que os agressores demonstram que não serão punidos pelo comportamento, o que é reafirmado por Glendinning (2001), onde diz que a “receita típica” para situações de assédio moral inclui competição feroz, com pouco talento e uma cultura onde reina o medo.

Por fim, a terceira resposta evidencia novamente que as agressões são refletidas diretamente no desempenho educacional; causam desânimo, podendo levar a desistência da graduação e da pesquisa, atrapalhando o desenvolvimento das atividades acadêmicas futuras.

Outro ponto importante nesse discurso é a percepção de que estas vítimas utilizam de estratégias para sua sobrevivência nas IES, como desistência de determinada disciplina. De modo geral, as primeiras reações costumam ser passivas, seguidas de tentativas de resolução, e quando falhos, voltam a passividade. Na pesquisa realizada por Djurkovic, McCormack e Casimir (2005), a estratégia de evitação é confirmada quando as reações apresentadas são “evitar o conflito”, “enfrentar o agressor” e, por último, “procurar ajuda formal”. Segundo estes pesquisadores, evitar o conflito é a atitude mais utilizada para “resolver” a situação; sendo que a procura de ajuda formal e social só é buscada caso a assertividade como agressor não funcione.

Essa mesma estratégia de evitação também foi um padrão apontado por Haile e Santos (2021), assim como na pesquisa de Klement e Castro (2022), sendo que esta última aponta que as estratégias mais levantadas pelas participantes foram de “Evitação, Cooperativas, de Atenção e de Planejamento; observando assim que a liberdade da mulher vem sendo cerceada como reflexo do patriarcalismo”. As autoras também identificaram Estratégia de Fuga, de Confronto, de Camuflagem, de Cunho Social, de Esperança e Religiosa. Independente de qual estratégia seja adotada, o fato é que tais abusos e assédios impactam diretamente não somente no aprendizado, mas também na vivência espacial destas vítimas no ensino superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, com base nos resultados da pesquisa, entre as questões expostas, evidenciamos a influência negativa nos casos em relação a aprendizagem e desempenho, pois os danos cognitivos podem ser graves, alterando a memória, percepção, comportamentos, a qualidade na execução e a quantidade de atividades realizadas

Foram relatadas outras consequências que afetavam por mais tempo nos âmbitos profissional, pessoal e social, pois devido a agressão é possível que as vítimas abandonem o curso, estágio ou pesquisa. Além do medo constante provocado, não só pela ansiedade, mas também pelas lembranças que o ambiente pode provocar — como os cheiros, sons, cenas, contatos —, deixando o corpo e a mente em alerta, prejudicando o foco e atenção da vítima. Algumas ainda sentem sintomas e traumas até os dias atuais por agressões que ocorreram há anos, trazendo para o cotidiano arritmias e outros desconfortos físicos, dificuldades para confiar em outras pessoas e dificuldade de comunicação.

Ainda, esclarecemos que todo o banco de dados foi levantado de forma online, sendo assim, não obtivemos nome, endereço eletrônico ou qualquer outra forma de contato com os participantes da pesquisa. Entretanto, isso também limitou a prestação de suporte, não sendo possível encaminhá-las diretamente para um setor jurídico ou psicológico.

Apesar do aumento da divulgação de casos de assédio e abuso, da procura e do aprofundamento no assunto, é visto que há uma escassez no estudo dos danos físicos causados pelas diversas violências físicas, morais e sexuais e como estas se relacionam entre si.

Salientamos novamente a importância das discussões, especialmente em âmbito acadêmico, para a desconstrução do discurso hegemônico que regula as práticas sociais, naturaliza a hierarquia de gênero e sustentam os requisitos para que o assédio e o abuso ganhem espaço. Trazemos, também,

a importância de se discutir isso em sociedade, bem como a formulação de políticas públicas ou ações que sejam voltadas à saúde mental e física das vítimas.

Por fim, evidencia-se a necessidade de uma rede apoio e atendimento incluindo as áreas jurídicas, educacionais, da saúde e sociais; para que as vítimas não se percam do campo da visão médica, social e científica; possibilitando um melhor mapeamento e monitoramento dos casos, e para que as vítimas sintam confiança o suficiente para procurar e receber ajuda.

REFERÊNCIAS

Assembleia Geral da ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948.

BAITELLO, M. **Convulsões não epiléticas – pseudocrises**. Disponível em: <https://clinicamarinabaitello.com.br/convulsoes-nao-epilepticas-pseudocrises>. Acesso em: 16 set 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BARON, R. A. Exposure to an aggressive model and apparent probability of retaliation from the victim as determinant of adult aggressive behavior. *Journal of experimental social psychology*, v. 7, p. 343-355, 1971 In: BARON, R; NEUMAN, J. **Workplace aggression: 201 the iceberg beneath the tip of workplace violence: evidence on its forms, frequency and targets**. *Public Administration Quarterly*, vol. 21, n. 4, p. 446-465, Winter 1998. [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(71\)90033-3](https://doi.org/10.1016/0022-1031(71)90033-3)

BOSCO, M. G. D. **Assédio sexual nas relações de trabalho**. Disponível em:

<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/10687-10687-1-PB.pdf>. Acesso em: 01 out 2018

BJORKLUND, R. Experimental approach to cognitive abnormality among victims of bullying at work. In: EINARSEN, Stale; NIELSEN, Morten Birkeland. *The fourth international conference on harassment and workplace bullying. Proceedings*: Bergen, Norway, June 28-29, 2004.

BRADASCHIA, C. A. **Assédio moral no trabalho: a sistematização dos estudos sobre um campo em construção**. 2007. 230f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas). Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2007.

BRODSKY, C. M. **The harassed worker**. Lexington: Lexington books, 1976.

CHESNAIS, J. C. **Histoire de la Violence en Occident de 1800 à nos Jour**. Paris, 1981.

CONSTANTINO, T. C. L. **Assédio moral numa estrutura autárquica**. 2012. 93

f. Dissertação (Mestrado em Segurança e Higiene no Trabalho) – Instituto Politécnico de Setúbal, Portugal, 2012.

DINIZ, M. L. Quebrando o ciclo do silêncio: uma experiência extensionista sobre assédio sexual na universidade. In: Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019. v. 16, n. 1, 2019.

DJURKOVIC, N.; MCCORMACK, D.; CASIMIR, G. The behavioral reaction of victims to different types of workplace bullying. *International journal of organizational theory and behavior*, vol. 8, n. 4, p. 439-460, 2005. <https://doi.org/10.1108/IJOTB-08-04-2005-B001>

DWORETZKY, B. LEE, J. W. **Epilepsy and related disorders**. SAM. [The original English language work has been published by DECKER INTELLECTUAL PROPERTIES INC. Hamilton, Ontario, Canada. Copyright © 2015 Decker Intellectual Properties Inc. All Rights Reserved.]

EINARSEN, S. The nature and causes of bullying at work. *International Journal of Manpower*, Vol. 20, n. 1/ 2, p. 16-27, 1999. <https://doi.org/10.1108/01437729910268588>

EINARSEN, S. The nature, causes and consequences of bullying at work: The Norwegian experience. **Perspectives interdisciplinares suor le travail et la Santé** [Online], 7-3 | 2005, Online lince 01 Novembro, 2005

FELIPE, J. Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, M. R. S.; SOUZA, N. G. S.; GOELLNER, S.; FELIPE, J. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas**. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

FISZMAN, A. As crises não-epiléticas psicogênicas como manifestações clínicas do transtorno de estresse pós-traumático. *Journal of Epilepsy and Clinical Neurophysiology* [online]. 2007, v. 13, n. 4 suppl 1, pp. 32-35. 2008. <https://doi.org/10.1590/S1676-26492007000500007>

- FREITAS, M. E. Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações. **RAE** – v.41, n.2, abr/jun, pp.8-19. 2021^a. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902001000200002>
- GARCIA, D. F. M; SILVA JUNIOR, J. A. **Assédio, abuso e violência sexual contra a mulher nas universidades**: quem é o verdadeiro culpado?. In: Seminário Internacional Inclusão em Educação: universidade e participação, inclusão, ética e interculturalidade. 2016, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016. p.45-51.
- HAILE, V. O.; SANTOS, A. E. C. Assédio e o abuso no ensino superior: das agressões à omissão institucional. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 11, n. 21, 05 agosto 2021. <https://doi.org/10.46789/edugeo.v11i21.1083>
- HATTY, S. **Masculinities, Violence and Culture**, 2000. <https://doi.org/10.4135/9781452220307>
- HIRIGOYEN, M. F. **Assédio moral**: a violência perversa no cotidiano. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2006.
- HIRIGOYEN, M. F. **Le malaise dans le travail, harcèlement moral** : démêler le vrai du faux. Paris: Syros, 2001.
- INSTITUTO AVON. Pesquisa Instituto Avon/Data Popular. **Violência contra a mulher no ambiente universitário**. São Paulo, 2015.
- KLEMENT, D. L.; CASTRO, A. Ser mulher: estratégias de sobrevivência a Importunação sexual. **Barbarói**, v. 1, n. 61, 18 maio 2022.
- KNELLER, G. F. **A ciência como atividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- LOOS, H. Ansiedade e aprendizagem: um estudo com díades resolvendo problemas algébricos. **Estudos de Psicologia**, 9(3), 563-573. 2004. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300019>
- LOURO, G. L. **Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade**, 2011.
- LUNA, M. **Acoso psicológico en el trabajo (mobbing)**. Unión sindical de Madrid-región de cc.00. 1 ed. Madrid: Adiciones GPS-Madrid, 2003.
- MILLET, K. **Sexual politics**. New York: Ballantine books, 1970.
- MINAYO, M. C. S. **Laços perigosos entre machismo e violência**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1):18-34, 2005.
- MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100005>
- NASCIMENTO, A. C. O. **A influência da ideologia patriarcal na definição dos brinquedos infantis**. <https://doi.org/10.12957/rep.2016.25399>
- NEWS.MED.BR, 2021. Convulsões funcionais foram associadas a transtornos psiquiátricos e doença cerebrovascular, incluindo acidente vascular cerebral. Disponível em: <https://www.news.med.br/p/medical-journal/1386420/convulsoes-funcionais-foram-associadas-a-transtornos-psiquiatricos-e-doenca-cerebrovascular-incluindo-acidente-vascular-cerebral.html>. Acesso em: 16 set. 2022.
- NUNES, T. S.; TOLFO, S. R. **Assédio moral no trabalho**: consequências identificadas por servidores docentes e técnico-administrativos em uma universidade federal brasileira. <https://doi.org/10.5007/1983-4535.2012v5n3p264>
- OLIVEIRA, M. P. C. Assédio sexual: pesquisa identifica danos psicológico mais comuns em meninos. [Entrevista concedida a] **GZH**, , *on-line*. 08 out 2010. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2010/10/assedio-sexual-pesquisa-identifica-danos-psicologico-mais-comuns-em-meninos-3068083.html>. Acesso em: 08 out 2018.
- OLIVEIRA, L. R. C. Existe violência sem agressão moral?. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 23(67), 136-146. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092008000200010>
- PIÑUEL Y ZABALA, I. **La Incidencia Del Mobbing ó Acoso Psicológico en el Trabajo in España**. Disponível em: http://www.ehu.eus/ojs/index.php/Lan_Harremanak/article/view/5802/0. Acesso em: 17 ago 2018.

PROJETO UMAR. Disponível em: www.umarfeminismos.org. Acesso em: 03 julho 2018.

SANTOS, A. E. C. **Espaço escolar, homossexualidades e prática discursiva docente em Ponta Grossa, Paraná**. 2015. 175f. Tese (Mestrado em Gestão de Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2015.

SESSO, P. R. Assédio moral no trabalho. Monografia – especialização em Direito do Trabalho. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

SOARES, A.; OLIVEIRA, J. A. Assédio moral no trabalho. **Rev. bras. Saúde ocup.**, São Paulo, 37 (126): 195-202, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0303-76572012000200002>

SPOSITO, M. P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. *Educ Pesq* [online], vol.27, n.1, pp.87-103. 2001. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022001000100007>

TEICHER, M. H. (2002). **Feridas que não cicatrizam: a neurobiologia do abuso infantil**. In: ROMARO, R. A; CAPITÃO, C. G. As faces da violência: aproximações, pesquisas, reflexões. São Paulo: Vetor, 2007.

THURSTON, R. Mulheres que sofrem abuso sexual têm mais risco de danos cerebrais, diz estudo. [Entrevista concedida a] Sandee LaMotte. **CNN**, *on-line*. 22 set 2021. Disponível em: <https://abre.bio/cnnbrasil-mulheres-que-sofrem-abuso-sexual-tem-mais-risco-de-danos-cerebrais>. Acesso em: 16 set 2022.

VARGAS, A. F. **O fenômeno da violência: políticas de atenção à criança e ao adolescente**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103468/TCC%20-%20ANA%20FLAVIA%20VARGAS.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 ago 2017.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Vozes, 2000.